



Eixo: Trabalho, Questão Social e Serviço Social
Sub-eixo: Trabalho e expressões da questão social

CARLITOS E AS DESIGUALDADES EXPRESSAS NO MUNDO DO TRABALHO

FRANCIELE MACHADO DOS SANTOS¹
JANE CRUZ PRATES²

Resumo: O presente artigo busca analisar de que modo a arte nos fornece subsídios para refletir sobre as dificuldades enfrentadas pela classe trabalhadora, aqui representada pela figura do personagem Carlitos. Seu comportamento, resultado de um trabalho em série para ampliar os lucros do capital, que fragmenta e torna a ação laboral mimética e tecnicista proporciona subsídios para refletir acerca do estranhamento presente no mundo do trabalho contemporâneo. Possibilita pensar sobre os rumos de uma sociedade competitiva, individualista e alienada que legitima esses processos através da mercantilização dos valores de uso, hierarquização e substituição da lógica da solidariedade e cooperação pela competição.

Palavras-Chave: Arte. Trabalho. Estranhamento. Trabalho alienado. Sociedade capitalista.

Resumen: El presente artículo busca analizar de qué modo al arte nos proporciona subsidios para reflexionar sobre las dificultades enfrentadas por la clase obrera, aquí representada por la figura del personaje Carlitos. Su comportamiento, resultado de un trabajo en serie para ampliar los beneficios del capital, que fragmenta y hace que la acción laboral mimética y tecnicista proporciona subsidios para reflexionar acerca del extrañamiento presente en el mundo del trabajo contemporáneo. Posibilita pensar sobre los rumbos de una sociedad competitiva, individualista y alienada que legitima esos procesos a través de la mercantilización de los valores de uso, jerarquización y sustitución de la lógica de la solidaridad y cooperación por la competición.

Palabras Clave: Arte. Trabajo. Extrañamiento. Trabajo alienado. Sociedad capitalista.

1. INTRODUÇÃO

A arte, enquanto estratégia de mediação mostra-se como parte do instrumental e como um importante aparato para abordar os fenômenos sociais em uma perspectiva de totalidade, podendo ser utilizada como estratégia para contribuir com o desocultamento do real e fomentar a produção de processos reflexivos acerca da realidade.

Especialmente em tempos de sobretrabalho, é fundamental a criatividade no uso de cadeias de mediações que possam sensibilizar os sujeitos a refletirem sobre a realidade na

¹ Estudante de Pós-Graduação, Pontifícia Universidade do Rio Grande do Sul. E-mail: <frann031992@gmail.com>.

² Professor com formação em Serviço Social, Pontifícia Universidade Do Rio Grande Do Sul.

qual se inserem e da qual são fruto, para além do aparente e nesse sentido a arte não só se constitui como importante fonte de expressão dos sujeitos singulares e coletivos que nela registram seus tempos históricos, como pode ser utilizada para exercitar os sentidos, sem os quais não capturamos o real, como bem já destacou Marx, nos Manuscritos de Paris.

Para apreender o mundo é preciso usar os sentidos, quanto mais desenvolvidos mais podem apreender as manifestações do real para que a razão, a partir desses elementos concretos realize os processos de problematização e superação chegando ao que, na perspectiva dialético materialista chama-se de concreto pensado. No III Manuscrito Paris, o pensador alemão ressalta que, assim como a razão precisa ser educada os sentidos também precisam ser desenvolvidos, pois o olho que não aprende a ver, não enxerga e o ouvido que não se acostuma a boa música, não consegue decifrá-la e fruir do conjunto de seu movimento. Portanto a arte, além da expressão do estético, pode ser mediada como fonte ou expressão da matéria-prima de quem trabalha com as expressões da questão social, nos mais diversos espaços sociocupacionais, inicialmente porque exprime desigualdades e resistências, mas também pode ser utilizada como estratégia pedagógica para instigar processos sociais emancipatórios, na medida em que ao se refletir sobre trechos de um romance, de um filme, de uma música, de uma poesia que trata do tempo presente é possível favorecer o processo de sensibilização dos sujeitos com os quais se trabalha.

Entretanto, para desvendar a realidade objetiva é preciso tornar visível a relação dos fenômenos com a totalidade, para isso é necessário desvendar as cadeias de mediações que estão ocultas na vida cotidiana, na medida em que nesse espaço os fenômenos sociais apresentam-se em sua imediaticidade, ou seja, é fundamental reconhecer que “a coisa em si” não se mostra de maneira imediata ao homem. Para conhecer os fenômenos sociais é necessário fazer um movimento regressivo progressivo, buscando as causas que antecedem o fenômeno e, simultaneamente, se manifestam e se ocultam nele (KOSIK, 2002).

Nesse sentido, Chaplin expressou em sua arte os aspectos políticos, econômicos e sociais de sua época, dando visibilidade ao modo de produção que perpetua as desigualdades produzidas na sociedade capitalista. Carlitos, personagem utilizado aqui para balizar a formulação de algumas breves reflexões, pode ser descrito como um homem pobre, vagabundo, que busca através de pequenas demonstrações de sensibilidade e crítica resistir aos problemas cotidianos. Articulando o cômico e o trágico, Carlitos expressa os processos de dominação a que os homens são submetidos pelo trabalho alienado,

demonstrando o que Marx bem expressa ao referir que no trabalho alienado há a dominação do criador por aquilo que ele criou. Tal manifestação artística guarda em si diversas manifestações sociais que se relacionam com a singularidade humana em sua forma fenomênica ou pseudoconcreta (KOSIK, 2002). Por exemplo, as múltiplas aparições de Carlitos como mendigo, operário, milionário, entre outras, não deixam de transparecer a essência de estranhamento e exploração social fundantes da ordem do capital, em um contexto de divisões do trabalho, competição, individualismo, apropriação privada da riqueza, etc.

Faz-se importante destacar que o produto cinematográfico fruto do trabalho de Chaplin, embora tenha um tom de comédia pastelão apresenta uma clara apreensão dos processos sociais que produzem expressões como a pobreza, desigualdade, violência, embrutecimento, resistência, entre outros, com o modo como a sociedade se estrutura para produzir mercadorias. A partir disto, Carlitos é constituído dentro de uma estrutura social desigual, compromissada com o crescimento, sem necessariamente, se importar com os impactos que essas ações causarão a classe trabalhadora ou a humanidade.

Neste sentido, a arte mostra-se como um meio de proporcionar o exercício da reflexão acerca das situações vivenciadas cotidianamente, neste caso o cinema. Sendo assim, a produção artística existente traz consigo as manifestações das expressões da questão social, apreendidas pela sensibilidade dos sujeitos, de acordo com o contexto histórico, econômico e social vivenciados em determinada época inseridos na dinâmica do capital (PRATES, 2007).

2. PRODUÇÃO DE MERCADORIAS E DE SUJEITOS ALIENADOS

O trabalho é antes de tudo ontológico ao ser social, o homem se humaniza através do trabalho, entendido por Marx, como toda e a expressão e produção humana, onde se inclui o, próprio processo de humanização. Sendo assim é uma categoria fundamental na relação do homem com a natureza que o cerca e com as relações que estabelece com os seus pares na sociedade, pois é pelo trabalho que o homem se reconhece enquanto ser social, tendo em vista que, é por meio deste que o homem pode modificar a natureza, no intuito de satisfazer suas necessidades, e nesse processo modificar a si mesmo (MARX, 2004). Conforme Iamamoto (2011), o trabalho: “opera mudanças tanto na matéria ou no objeto a ser transformado, quanto no sujeito, na subjetividade dos indivíduos”, num processo

que permite ao homem descobrir novas aptidões, conhecimentos e experiências, aprimorando cada vez mais seus sentidos e técnicas.

A partir dessas transformações valores que não existiam nos objetos, antes do trabalho humano ser empregado sobre eles, passam a ser produzidos. O sujeito produz, além de objetos, relações e nesse processo se constrói enquanto ser humano criando novas formas de sociabilidade. O trabalho é então um exercício que desencadeia mudanças objetivas e subjetivas, ele define a autoconsciência e a autodeterminação (BARROCO, 2001).

Entretanto, o trabalho subordinado a lógica capitalista faz com que os sujeitos sejam “colocados numa posição em que não podem fazer nada, exceto produzir pelo trabalho as condições de sua própria dominação” (HARVEY, 2016, p. 68). Ou seja, na sociedade capitalista, a propriedade privada dos meios de produção, impede que o trabalho se caracterize como uma atividade libertadora, afinal a classe trabalhadora é obrigada a vender sua força de trabalho ao capitalista, em qualquer condição que seja ofertada.

Em consequência disto, os trabalhadores alienam-se do processo de planejamento de produção dos objetos, do resultado de seu trabalho, de si próprio e da relação com os outros trabalhadores (MARX, 2010). O resultado deste processo é a transformação do trabalho social em trabalho alienado (HARVEY, 2016).

Quando o trabalhador não se reconhece naquilo que produziu está alienado em relação ao processo de produção, pois sua participação é limitada, a mera reprodução, logo o caráter criativo e criador do trabalho é reduzido a mera repetição, passa a ser apenas fardo, desgaste do trabalhador e não espaço de aprendizagem, como explicitado por Chaplin em Tempos Modernos. Por fim, destaca Marx que, quando o trabalho se torna uma ação excruciante e não um ato de realização humana o trabalhador aliena-se de si próprio, e ainda quando as relações de cooperação e solidariedade são substituídas por relações individualistas e competitivas o trabalhador está alienado na sua relação com os demais trabalhadores. A competição exacerbada é uma característica central da sociedade capitalista verificada inclusive entre os próprios capitalistas.

Marx (2004) declara que existe uma supervalorização do mundo das coisas e uma desvalorização do mundo dos homens, pois quanto mais o trabalhador produz, menos ele vale. Por exemplo,

a provisão habitacional no capitalismo passou de uma situação em que predominava a busca de valores de uso para uma situação em que prevalecem os valores de troca [...] o valor de uso da moradia tornou-se cada vez mais, primeiro, uma forma de poupança e, segundo, um instrumento de especulação tanto para consumidores

4

quanto para construtores, financiadores [...] a provisão de valores de uso adequados das habitações (no sentido convencional de consumo) para a massa da população tem sido cada vez mais refém dessa concepção arraigada do valor de troca. (HARVEY, 2016, p. 33).

Desse modo, o trabalho que foi empregado para a materialização do objeto acaba adquirindo o caráter de autonomia em relação ao trabalhador, uma vez que o sistema de valor de troca acaba por negar os valores de uso a grande parcela dos trabalhadores que os produziram. Segundo Marx, a alienação do trabalhador em seu produto está para além da transformação do trabalho em objeto, pois, além de ele existir independentemente ao sujeito, “a vida que deu ao objeto se torna uma força hostil e antagônica” (Marx, 2004, p.112).

Na perspectiva da sociedade capitalista, então, o trabalho é condição de sobrevivência, porém se materializa a partir de uma liberdade restrita, condicionada a venda da força de trabalho dentro desse sistema.

Esse processo acontece porque, na dinâmica de compra e venda da força de trabalho, o capitalista paga um montante ao trabalhador, denominado salário. Tal quantia equivale somente ao necessário para a reprodução mínima da classe trabalhadora e tem a função de ser a representação material da produção de valor que ocorre durante o processo de trabalho. O salário é, então, um preço necessário para a manutenção dessa classe (trabalhadora) que é fundamental para a produção e reprodução do capital. Este salário é pago através da representação material denominada dinheiro. Entretanto,

o dinheiro é uma forma de aparência tangível, bem como um símbolo e uma representação de imaterialidade do valor social. Mas, como acontece com todas as formas de representação (como mapas, por exemplo), há uma lacuna entre a representação e a realidade social que ela tenta representar. A representação cumpre bem a tarefa de capturar o valor relativo do trabalho social em alguns aspectos, mas é falha e até mesmo mentirosa em outros [...] (HARVEY, 2016, p. 36).

Logo, a criação de riqueza acontece pela exploração da força de trabalho, em um processo no qual o trabalho humano se torna mercadoria e o valor pago a esta mercadoria não é fidedigno ao valor real que ela possui. Entretanto, esta dinâmica é ocultada através das diversas artimanhas utilizadas pelo capital, com bem alerta Harvey (2016), quando afirma que o sistema faz parecer que este modo de funcionamento é justo, afinal não há declaradamente uma forma de roubo ou trapaça nisto e sim uma perspectiva de que os trabalhadores são donos de sua força de trabalho e podem decidir, de maneira livre, a quem vendê-la.

Os trabalhadores geram, então, mais-valor para incrementar o capital, pois o valor que o capitalista recebe ao final desse processo é repostado integralmente e o valor que retorna ao trabalhador é parcial. Ou seja, ele não recebe pela totalidade de horas trabalhadas e é nessa dinâmica que se encontra o lucro do capitalista. Desta maneira, os capitalistas podem aplicar o valor excedente, após essa justa transação com o trabalhador, em incremento no capital constante (meios de produção e matérias-primas) e no capital variável (força de trabalho). Em um processo sistemático e contínuo de produção de exploração e de mais-valor.

As contradições no funcionamento do sistema capitalista são evidentes. À medida que o desenvolvimento tecnológico acontece as relações de trabalho e as condições de vida da classe trabalhadora vão se tornando cada vez mais precarizadas. Quanto mais os trabalhadores produzem fortuna maior é a sua pobreza, pois a riqueza é socialmente construída e individualmente apropriada (MARX, 2004).

Claro, o trabalho produz maravilhas para os ricos, mas produz a privação para os trabalhadores. Produz palácios, mas casebres para o trabalhador. Produz beleza, mas deformidade para o trabalhador. Substitui o trabalho por máquinas, mas lança uma parte dos trabalhadores para um trabalho bárbaro e transforma os outros em máquinas. Produz inteligência, mas também produz estupidez e o cretinismo para os trabalhadores (Marx, 2004, p. 161).

Dessa forma, a maneira como o capital se organiza para poder se produzir e reproduzir gera processos de desigualdade social e resistências, que culminam no surgimento da questão social e de suas expressões. Um pouco dessas expressões, fruto da exploração do trabalho pelo capital, podem ser vistas na construção de um personagem que reflete os valores e contradições de uma sociedade desigual, Carlitos.

3. UM CARLITOS, MAS MÚLTIPLAS REPRESENTAÇÕES

Um casaco velho, calças furadas, sapatos maiores que seus pés, uma cartola e uma bengala compunham a estética do andarilho em questão, que se comportava de modo a resistir à realidade que vivenciava. Os filmes de Chaplin relacionam-se com a então crescente sociedade capitalista, neles eram representadas as desigualdades produzidas na vida social, a pobreza, a exploração, o sofrimento de Carlitos por não se ajustar as exigências da sociedade capitalista do século XX, entre outros processos universais e particulares.

Vínculos com família ou amigos não ficam evidentes, sem moradia, com dificuldades de permanecer em algum emprego, Carlitos vive o imediato, uma vez que as condições objetivas da realidade não lhe permitem pensar um futuro para além daquele momento, é preciso conseguir comida, resistir a hostilidade, procurar abrigo, etc. Expõe, deste modo, o cotidiano miserável da classe operária pobre de sua época, exposta a precariedade das condições de trabalho, das jornadas, dos salários na fase inicial da reestruturação produtiva, das novas formas de gestão do trabalho. A relação desses fenômenos sociais com o conflito capital-trabalho é intrínseca, afinal

a precarização existencial não se reduz ao estresse ideológico provocado pela precarização do homem com ser humano-genérico, mas diz respeito também à degradação das condições de existência do trabalho vivo no território das metrópoles e nos espaços públicos de desenvolvimento humano, isto é, as condições de reprodução social como circulação, territorialidade, consumo e lazer (ALVES, 2013, p. 243)

Nesse sentido, as películas produzidas por Chaplin evidenciam como os processos de produção e reprodução do capital ocultam a relação que as situações de desigualdade e degradação da vida humana guardam com o contexto mais amplo de exploração da força de trabalho, apropriação privada dos meios de produção e da riqueza socialmente produzida. Segundo Robinson (2012) um dos aspectos mais importantes de serem observados neste personagem é a perspectiva de denúncia e revolta sempre expostas nas produções artísticas protagonizadas por ele. Tal personagem, assim como o próprio Chaplin, teve sua infância permeada por passagens em orfanatos, pelo sofrimento psíquico da mãe, pelo uso abusivo de álcool do pai, pelo não acesso a moradia, fome, entre outras expressões de desigualdade e o cinema foi um caminho para evidenciar a relação contraditória entre as necessidades vivenciadas pelo sujeito e o modo como a sociedade se estrutura para produzir mercadorias, bem como as mazelas que decorrem dessa relação para quem as efetivamente produz, os trabalhadores.

À medida em que essas situações expressas na obra possam ser compreendidos enquanto produtos socialmente construídos, evidenciando as contradições postas na realidade é possível elaborar problematizações que superam concepções fragmentadas sobre a realidade concreta. Fomentando a compreensão, em uma perspectiva de totalidade, das mediações presentes entre a relação capital/trabalho e a produção da vida humana em sociedade.

Os cenários habitados por Carlitos eram subúrbios, guetos, bares populares, fábricas, entre outros, e projetavam na tela as condições degradantes de vida e de trabalho

dos sujeitos. Tais condições estão relacionadas com a adequação da vida humana aos interesses da produção capitalista. Deste modo, “a descoberta do sentido objetivo das coisas é, ao mesmo tempo, a criação de um sentido subjetivo apropriado para capacitar o homem àquela descoberta [...] a obra de arte exprime o mundo enquanto o cria” (KONDER, 2013, p. 195 – 196).

Com base nisso, quando as produções artísticas retratam os fenômenos sociais como o desemprego, a fome, as condições de trabalho, entre outras, estão retratando não “só as condições imediatas do momento e da sociedade particular em que surgem, mas abarcam os problemas de um período inteiro da história da humanidade” (KONDER, 2013, p. 202). Neste sentido, o personagem Carlitos, ora emociona com o drama, ora provoca o riso com suas histórias cômicas, mostrando o quando a arte pode ser um instrumento de intervenção que sensibiliza e possibilita que os sujeitos se identifiquem com os problemas e/ou alegrias/resistências mostrados na tela fornecendo subsídios para quem assiste refletir sobre as nítidas contradições presentes na realidade.

Alerta-se que:

A arte não se reduz, nas suas possibilidades de maior alcance, a um valor meramente documental. Se eu quiser me informar a respeito das condições políticas, sociais e econômicas de uma determinada sociedade, as obras de arte que ela produziu poderão me prestar boa ajuda, mas não há dúvida de que outros documentos (tais como escritos historiográficos, crônicas, dados estatísticos etc.) me poderão ser de maior utilidade. O que a arte faz por mim de essencial é que ela me permite ver por dentro a experiência de uma condição histórica particular da humanidade e assimilar à minha consciência individual algo dessa experiência (KONDER, 2013, p. 203, grifo da autora)

À medida que o telespectador tem a possibilidade de compreender que a dificuldade de Carlitos conseguir um emprego ou permanecer nele, por exemplo, está relacionada a inserção no perverso mundo capitalista e seu restrito e seletivo mundo do trabalho, compreendendo que esta situação não refere-se somente a falta de qualificação ou a não adequação aos padrões exigidos pela sociedade do capital, os sujeitos podem pensar então a respeito dos padrões e valores, das contradições que atravessam o meio social no qual estabelecem suas relações, rompendo com níveis de alienação.

As formas de gestão do trabalho (taylorismo, fordismo e acumulação flexível), impactaram não somente na esfera do trabalho, mas também nas demais esferas da vida humana. Afinal, a ideia de modernização, acaba por aprofundar a disparidade social entre as classes que compõe a sociedade. Problematicando esta situação, o personagem Carlitos desoculta a degradação da vida humana dentro da sociedade capitalista, sendo uma figura

que contraria o ideário econômico/social da ordem social do capital. Por mais que tentasse conformar-se a forma da vida moderna, ele não conseguia, via-se então no caminho da oposição quase que constante.

Tais mediações se tornam possíveis, pois segundo Vázquez (2011), o trabalho artístico, por certo, produz beleza, prazer, emoções ou ideias sob a forma concreto-sensível e a liberdade de criação do artista se afirma na relação indissolúvel com necessidades que estão condicionadas por fatores sociais, espirituais e ideológicos, entre outros, que permeiam o contexto em que ocorre a produção artística. Sendo assim, a criação acontece na relação de modo peculiar com essas determinações, afinal a liberdade de criação não é algo dado, mas uma conquista do artista.

Carlitos, através de suas histórias como no filme **O Garoto (1921)** no qual critica as instituições de acolhimento, no **Em Busca do Ouro (1925)** em que ele usa seu sapato como refeição, em **O circo (1928)** no qual divide seu pedaço de pão com uma menina que também sofre com a fome ou quando coloca em xeque o desenvolvimento das novas formas de gestão do trabalho em **Tempos Modernos (1936)**, demonstra o quanto os processos socialmente produzidos, oriundos de uma forma de organização desigual e de inserção/exclusão perversa, são vivenciados e sentidos pelos sujeitos, como o sofrimento ou fracasso, por exemplo.

O personagem evidencia conflito no lugar em que se quer consenso, disparidades no lugar em que se quer ver igualdade, traz à luz da reflexão os processos que não podem ser vistos de maneira naturalizada, tornando mais visíveis as contradições, através de uma apreensão crítica do real. É o concreto pensado, que retorna ao ser humano novamente com possibilidades de ser reelaborado subjetivamente e transformado objetivamente em um movimento de tese – antítese- síntese – nova síntese (LEVEBVRE, 1991). Nesse sentido, o as obras artísticas podem contribuir com a reprodução da alienação ou com a superação dela, isto dependerá da finalidade de uso e do produto artístico com o qual se está trabalhando. Obras artísticas, como a produção em questão neste artigo, que abordam os fenômenos sociais em uma perspectiva de totalidade tendem a contribuir com o desocultamento do real e fomentam a produção de consciência crítica nos sujeitos.

Além disso, os fenômenos sociais vivenciados por Carlitos como os conflitos com a lei, desemprego, pobreza, entre outros, relacionam-se com seu sofrimento (dimensão subjetiva) mesmo em situações nas quais não havia diretamente nenhuma ameaça a ele. Tal apreensão do real se deve pelas configurações da estrutura da sociedade capitalista, na qual a dominação e a repressão são bases para a reprodução de práticas coercitivas e de

ajustamento, estando presentes em todos os aspectos, práticos e ideológicos, da vida de Carlitos.

Porém, ele não é apenas protagonista de um processo de sofrimento, mas também de resistência quando rechaça símbolos, regras e opiniões tidas como concepções hegemônicas da sociedade moderna. Afinal coloca este comportamento contrário a uma narrativa de ajustamento social fato que evidencia estes atos como estratégias de sobrevivência adotadas por Carlitos para enfrentar os processos sociais decorrentes da estrutura econômica da sociedade. O personagem mistura diversas nuances nas histórias que protagoniza ora trágico, ora infeliz. Carlitos sofre a exploração, mas também a ironiza, mostra a miséria das relações humanas deformadas pelo movimento homogeneizador a partir de uma estética sutil e sarcástica.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo buscou problematizar, usando a arte como estratégia de mediação, as dificuldades enfrentadas pela classe trabalhadora, a partir da perspectiva do trabalho alienado característico à sociedade capitalista e para tanto se utilizou como material de análise o personagem Carlitos, fruto da obra cinematográfica de Charles Chaplin. Isto porque uma das temáticas que se observa e que atravessa a tal produção artística se refere as formas de precarização do trabalho e da vida humana no contexto do capitalismo, isto se evidencia a medida em que Chaplin expõe o cotidiano da classe operária de sua época.

Pode-se dizer ainda que outra perspectiva bastante interessante nas histórias protagonizadas por Carlitos é o fato de ele confrontar os sujeitos com os problemas e contradições da sociedade moderna do início do século XX, mas que em essência nada se diferenciam dos fenômenos sociais enfrentados ainda hoje. Embora, transmutados, aparentemente diferentes, com outras formas de manifestação, estes processos sociais guardam sua origem nas bases de formação da sociedade capitalista. E, ao expor isto, Chaplin convida o expectador à reflexão, à análise, ao exercício do senso crítico, mostrando a arte como um elemento potente de desocultamento das expressões da questão social na perspectiva de aguçar os questionamentos frente à sociedade. Ele expunha as estruturas do capitalismo industrial, a exploração da classe trabalhadora, ironizando a sociedade burguesa da época. Expunha, do mesmo modo, formas de dominação como o nazismo, mostrando que dominação e capital são elementos que se interconectam. No filme “O

Ditador”, é famosa a cena em que Carlitos brinca com o globo terrestre, rodando-o entre os pés, satirizando a dominação do mundo intentada por Hitler. Infelizmente, o contexto atual reaviva processos mais sutis, mas não menos nocivos de alienação e relações de poder centralizadoras e autoritárias, explicitando um conservadorismo e um retrocesso que exige de todos mais articulação entre razão e sensibilidade.

Carlitos mostra as várias nuances da exploração e opressão capitalista se interpenetrando no não desenvolvimento do ser humano genérico, ou seja, da dificuldade e, por vezes, a impossibilidade de se desenvolver os sentidos, a sensibilidade, de reconhecer-se no outro, de abstrair as condicionalidades postas às relações sociais estabelecidas no modo de sociabilidade capitalista, desefetivando as possibilidades do desenvolvimento de análises críticas acerca da realidade. São os movimentos de reestruturação produtiva, de exploração da força de trabalho que implicam no aumento da intensidade do trabalho, no prolongamento da jornada, na precariedade salarial e também determinações ideológicas, políticas, culturais que exacerbam os processos de regulação e perpetuação do capitalismo.

É Carlitos, através de sua estética, de suas histórias, de seus comportamentos, que evidencia as manifestações da questão social a partir da apreensão da realidade, trazendo para a tela a compreensão da lógica assumida pelo trabalho dentro da sociedade capitalista. Inicialmente, o trabalho apresentava-se como a atividade pela qual o homem se transforma em ser social, construindo e modificando sua subjetividade a medida que transforma a natureza, porém quando o trabalho é apropriado pela lógica de produção capitalista, ele passa a escravizar o homem tornando-se uma atividade alienada, pois as mercadorias produzidas não pertencem a quem as produziu, visto que este não detém os meios, não participa do processo de planejamento e não tem acesso aos produtos (MARX, 2004).

Problematizar as situações presentes na realidade é uma maneira inicial de pensar intervenções e transformações no mundo, já que suscita a compreensão dos fenômenos para além de sua aparência, viabilizando o reconhecimento das mediações das situações cotidianas com o contexto mais amplo que as produzem. Diversas são as direções mostradas pela arte, ela possibilita criar espaços de diálogo, trocas, encorajando processos de resistência frente as degradações das condições de vida dos sujeitos na sociedade capitalista. Como salienta Harvey: “não está escrito nas estrelas se esse espírito revolucionário se consolidará a ponto de determinar mudanças radicais no modo como vivemos: isso depende da vontade humana (2016, p. 206).

Afinal, a produção artística também traz em si características que expressam a temporalidade dos processos, ou seja, visibilizam contextos econômicos, sociais e culturais

determinados e este aspecto também contribui no entendimento da dinâmica social da realidade em determinada conjuntura (PRATES, 2007). A arte não é exterior ao tecido social, mas sim “se buscam ou se rechaçam” (VÁZQUEZ, 2011, P.107) no sentido de que ela constitui a explicitação da relação intrínseca entre homem e sociedade e Chaplin evidenciava em suas películas a importância da sensibilidade e solidariedade humana como caminho para a construção de uma nova realidade.

REFERÊNCIAS

- ALVES, G. Crise estrutural do capital, maquinofatura e precarização do trabalho – a questão social no século XXI. **Textos e contextos**, Porto Alegre, v.12, n. 2, p. 235–248, jul./dez. 2013.
- BARROCO, M. L. S. **Ética e serviço social: fundamentos ontológicos**. São Paulo: Cortez, 2001.
- HARVEY, D. **17 Contradições e o fim do capitalismo**. São Paulo: Boitempo, 2016.
- IAMAMOTO, M. V. **O serviço social na contemporaneidade: trabalho e formação profissional**. São Paulo: Cortez, 2011.
- KONDER, L. **Os marxistas e a arte**. São Paulo: Expressão Popular, 2013.
- KOSIK, K. **Dialética do concreto**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- LEFEBVRE, H. **Lógica Formal, Lógica Dialética**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.
- MARX, K.; ENGELS, F. **O capital**. 13. ed. Livro 1. Rio de Janeiro: Beltrand, 1989. V. I e V. II.
- MARX, K. **Manuscritos econômicos filosóficos**. São Paulo: Martin Claret, 2004.
- PONTES, Reinaldo Nobre. **Mediação: categoria fundamental para o trabalho do assistente social**. Capacitação em serviço social e política social. Cadernos CEFES, ABEPSS, CEAD, UNB. São Paulo: CORTEZ, 2000.
- PRATES, J.C. A arte como matéria-prima e instrumento de trabalho para o assistente social. **Textos & Contextos**, Porto Alegre, v. 6 n. 2 p. 221-232. jul./dez. 2007.
- ROBINSON, D. **Charles Chaplin: Uma biografia definitiva**. São Paulo: Novo Século, 2012.